

A Tessitura do Conhecimento numa Rede Social da Internet: um estudo netnográfico na interface Facebook¹

Dilton Ribeiro do Couto Junior²
Rosemary dos Santos³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo é resultado de nossas pesquisas de Mestrado, que encontram-se em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, cujo objetivo é investigar os usos que os jovens fazem do software social Facebook e como estes vêm se relacionando com os saberes que são tecidos nesta interface. Para isso, nos apropriamos das contribuições do método etnográfico virtual e dos estudos com os cotidianos, que se mostraram imprescindíveis como referenciais teórico-metodológicos do presente estudo. Isso nos permitiu compreender como os jovens utilizam-se das redes sociais da Internet para trocar informações, cocriar, participar e autorizar-se no âmbito das ideias compartilhadas que emergem das relações com seus amigos, professores e outros participantes.

Palavras-chave

Redes sociais da Internet; Facebook; ciberespaço; etnografia virtual; tessitura do conhecimento.

Abstract

This article is the result of our ongoing Master's Degree research in The Graduate Program In Education at UERJ that aims to investigate the youth usage of the social software Facebook and how they are relating to the knowledge that are woven in this interface. Therefore, we appropriate ourselves of the contributions of the virtual ethnography method and of the studies with the quotidian, which were indispensable as theoretical-methodological referential in the present study. This allowed us to understand how the youth utilize the Internet social networks to exchange information, co-create, participate, and authorize themselves in the scope of the ideas that are shared and that emerge from the relationships with their friends, teachers and other participants.

Key words

Internet social networks; Facebook; cyberspace; virtual ethnography; interwoven knowledge.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição”, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

² Pedagogo formado pela UERJ. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Bolsista CNPq. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

³ Pedagoga formada pela UERJ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. E-mail: brisaerc@hotmail.com

Introdução

No final da década de 1990 a sociedade começa a passar por uma transição em suas formas constituintes. Ao adentrarmos no século XXI nos deparamos com um cenário sociotécnico que evidencia as mudanças organizacionais, econômicas, culturais e sociais, que acaba por implicar e metamorfosear a maneira como pensamos, conhecemos e interagimos com o mundo. Vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social e político da vida humana, e muito disso deve-se às tecnologias da informação e comunicação e as implicações disso na vida social dos sujeitos. Para Castells (1999), o ciberespaço, denominado por ele de espaço de fluxos, se relaciona com os espaços de lugar, que são as ruas, as escolas, os monumentos, as praças e os lugares físicos de uma cidade. O autor chama a atenção para a interação desses dois espaços: o espaço de fluxos, que é ancorado no espaço de lugar. Nas palavras dele,

Nessa rede, nenhum lugar existe por si mesmo, já que as posições são definidas por fluxos. Conseqüentemente, a rede de comunicação é a configuração espacial fundamental: os lugares não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são absorvidos na rede. A infra-estrutura tecnológica que constrói a rede define o novo espaço como as ferrovias definiam as regiões econômicas e os mercados nacionais na economia industrial; ou as regras institucionais de cidadania específicas das fronteiras (e seus exércitos tecnologicamente avançados) definiam “cidades” nas origens mercantis do capitalismo e da democracia (CASTELLS, 1999, p. 442).

É sobre essa relação dos espaços de fluxos com os espaços de lugar que alguns debates têm emergido acerca do potencial das redes de comunicação na reconfiguração dos cenários políticos, sociais e culturais. Mesmo diante desse cenário, e sabendo que vivemos hoje numa sociedade com grandes possibilidades comunicacionais, pouco se tem discutido sobre como as tecnologias podem contribuir para potencializar as práticas educativas. Os computadores são interligados em redes de satélites, cabos de fibra ótica, servidores etc., criando uma infraestrutura concreta de constituição das redes telemáticas. Nessa fusão de espaço de lugar e espaço de fluxo, vemos a constituição dos territórios informacionais (Lemos, 2010).

Os avanços nas tecnologias de informação e comunicação potencializam os espaços de convivência e aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o uso de interfaces interativas, mídias digitais e redes sociais da Internet. Levando isso em consideração, iniciamos o presente artigo, que é parte de nossas pesquisas de Mestrado no

Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, discutindo a importância do método da etnografia virtual (também conhecido como netnografia), que permite ao pesquisador interagir no ciberespaço para propiciar que, com os sujeitos, seja possível tecer, coletivamente, novos conhecimentos.

Primeiramente problematizamos algumas questões que emergiram em nossos estudos sobre a etnografia virtual no/do/com o ciberespaço buscando compreender que essa forma de fazer pesquisa propicia que sejam repensadas outras lógicas de produção do conhecimento no campo educacional, que muitas vezes desconsidera as experiências dos sujeitos nas investigações científicas, e também a articulação dos saberes com outros campos de pesquisa. Além disso, nos debruçamos sobre as contribuições das pesquisas no/do/com os cotidianos, que mostra a importância de reconhecer e legitimar os sujeitos como co-autores da investigação científica.

Na segunda parte do texto, realizamos um estudo exploratório nas redes sociais que vem se formando no Facebook, buscando compreender suas potencialidades comunicacionais a partir da interação entre os usuários. E é justamente pela potencialidade de capturar essas marcas do cotidiano *online* do Facebook que a etnografia virtual se configurou como uma opção metodológica interessante, tendo “espaço assegurado nas pesquisas onde os objetivos incluem saber ‘o quê as pessoas estão realmente fazendo com a tecnologia’” (Gutierrez, 2009, p. 10).

E finalizamos apresentando alguns caminhos e pistas que nos auxiliaram na tarefa de conhecer, no Facebook, o universo das redes sociais da Internet, a partir de nossa imersão na interface e na interação com os jovens pesquisados.

1. Tecendo rede: a etnografia virtual no/do/com o ciberespaço

Refletir sobre a contemporaneidade implica pensar sobre os valores que vêm mudando aceleradamente nas diferentes áreas sociais, políticas e econômicas a partir de ações coletivas. Mudanças essas que emergem das diferentes áreas do conhecimento humano. A atuação desse conhecimento hoje se materializa cada vez mais pelos usos das tecnologias, aqui entendida como construção sociotécnica, cujos usos e aplicações são definidos pela

atuação direta dos sujeitos no momento sócio-histórico em que vivem, compartilham, cocriam e interagem.

Lévy (1999) se refere ao ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p. 92), e ainda propõe uma interligação, isto é, uma “coordenação das inteligências em tempo real” (p. 29) na Internet para que, assim, os sujeitos conectados na rede coletiva acompanhem a acelerada transformação tecnológica e seus conhecimentos implícitos. Neste sentido, o que o autor coloca é a ideia de que a construção das inteligências em tempo real seja coordenada pela própria coletividade em redes que se formam.

Redes sociais são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização (empresas, instituições educacionais, dentre outras), mediadas ou não por sistemas informatizados. Estas relações potencializam os usos de métodos de interação, visando algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas organizações participantes. Segundo Recuero (2009) uma rede social é geralmente definida como um conjunto de dois elementos: pessoas, instituições ou grupos, que são os nós das redes e suas conexões, que são as interações ou laços sociais. Do mesmo modo que as redes sociais são noções amplas, as redes sociais no ciberespaço são também fenômenos amplos e se distinguem do que é comumente chamado de programas ou *softwares* sociais. Esses últimos são sistemas criados especificamente com a finalidade de promover a articulação dessas redes.

De acordo com Lemos e Lévy (2010), os *softwares* sociais, como o Orkut (www.orkut.com) e o Facebook (www.facebook.com), podem ser definidos como “agregadores de instrumentos de relacionamento social que incluem *chats*, fóruns, *blogs*, fotos, vídeos etc.” (p. 45, grifos dos autores). Embora esses *softwares* existam para potencializar a interação entre as pessoas por meio de interfaces dialogáveis, os mesmos podem ser mantidos pelos sistemas e não necessariamente pelas interações em rede, pois as redes são constituídas pelos participantes que delas se utilizam. Assim sendo, sem as pessoas as redes sociais não existem, uma vez que o modo como os usuários se apropriam dos *softwares* é que vai determinar sua ascensão, queda ou permanência.

Nossa intenção ao trazer estas questões foi a de problematizar algumas ideias sobre as quais temos pensado dentro das redes que se formam e nos auxiliam na constituição das identidades e subjetividades na/no escola/ciberespaço/cidade. Como sujeitos que vivenciam as redes sociais no ciberespaço e as influências que elas provocam na relação dos sujeitos com o

espaço urbano, e diante das possibilidades comunicacionais e interativas dos ambientes virtuais, optamos pela netnografia como método que nos permitiu refletir sobre a tessitura do conhecimento entre o pesquisador e os internautas a partir da imersão nas redes sociais. Desta forma, como é possível investigar os usos e as apropriações que os jovens internautas fazem, no ciberespaço, com as informações que são compartilhadas no *software* Facebook?

Para responder a questão acima entendemos que o pesquisador vá a campo sem certezas pré-concebidas, praticando o exercício da dúvida, favorecendo a ideia de que os sujeitos da pesquisa sejam concebidos como co-autores na construção e análise dos dados que decorre da relação dialógica estabelecida entre eles e o pesquisador. Isso vai ao encontro do que defende Oliveira (2007), estudiosa no campo educacional que investiga no/do/com os cotidianos, ao colocar que, “se os conhecimentos são o resultado de diferentes modos de articulação entre experiências diversas, fica difícil aceitar a ideia de que os conhecimentos são preexistentes ao ato de conhecer, que são dados como ‘objetivos’ a serem acessados” (p. 112). Indo nessa mesma direção, Lemos e Lévy (2010) concordam que “a verdade não está dada (por quem?), mas ela é constantemente o embate de processos abertos e coletivos de pesquisa, de construção e de crítica” (p. 95). Isso significa dizer que ao adotar essa perspectiva na investigação científica, entendemos que a tessitura do conhecimento se dá numa articulação entre os diferentes saberes dos envolvidos no estudo, o que inclui também os do pesquisador.

Oliveira (2007) critica as teorias que são consideradas “verdades apriorísticas” (p. 120-121), e menciona os estudos no/do/com os cotidianos da professora e pesquisadora Nilda Alves, que também são desenvolvidos numa perspectiva que concorda que as teorias “servem como hipóteses, cujos limites devem ser ultrapassados sempre que a vida cotidiana pesquisada nela não couber, não como verdades nas quais tudo o que existe deve se encaixar, ou sumir” (p. 121). Reforçando justamente isso, Sgarbi (2010) traz algumas contribuições interessantes sobre a fragilidade das teorias quando são colocadas num plano superior em relação à realidade que se estuda: “a primeira coisa que eu fiz, ao entrar numa sala de aula, foi procurar Piaget. Mas não o achei, porque o que ele me disse sobre como os meus alunos deveriam comportar-se em cada uma das etapas do desenvolvimento não acontecia” (p. 4). Nesse sentido, a fundamentação teórica adotada apenas auxilia o pesquisador na tarefa de ampliar seu olhar acerca dos diferentes fenômenos sociais, que não podem ser analisados sem os devidos cuidados teórico-metodológicos, pois são complexos os inúmeros aspectos que envolvem a vida cotidiana.

Neste sentido, a pergunta levantada pelo pesquisador será pensada e repensada no campo a partir da relação que este tem com o objeto de investigação e, por isso, não há como dissociar os sujeitos de seus respectivos meios sociais. Assim sendo, para que nós pudéssemos nos aproximar dos jovens pesquisados – usuários do *software* social Facebook –, buscamos o método da etnografia virtual e os estudos no/do/com os cotidianos, com o objetivo de encontrar caminhos e pistas que nos auxiliassem na tarefa de conhecer o universo das redes sociais da Internet, compreendendo melhor o nosso campo empírico, o ciberespaço.

Diante disso, a imersão no campo nos permitiu criar caminhos para compartilhar experiências com outros usuários do Facebook, e a etnografia virtual se mostrou interessante porque auxilia o pesquisador, segundo Rocha e Montardo (2005), em ser “testemunha de um mundo que também se desenrola no ciberespaço” (p. 10). Morin (1999) critica a ideia das pesquisas que criam situações artificiais de controle ao propor as experimentações: “Tiro um corpo do seu meio natural, separo-o, coloco-o num meio artificial que controlo ou sobre o qual faço variar um certo número de determinações, e que me permitem conhecê-lo” (p. 22). Portanto, para que nós compreendêssemos como os internautas estão habitando as redes sociais que vêm se constituindo no ciberespaço, com o foco sobre o *software* social Facebook, nossa relação com eles no campo se fez numa perspectiva não de controle e experimentação, mas de convivência cotidiana *com* eles.

Também vamos ao encontro da abordagem de Oliveira (2007) que mostra que captar no campo empírico “seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos, torna-se meio fundamental para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que também fazem parte da vida cotidiana e de aprendizagem sobre o mundo” (p. 122-123). Essa é a orientação que imprimimos à etnografia virtual, procedimento escolhido para operar com a especificidade do objeto do estudo em questão, já que, segundo Amaral, Natal e Viana (2008), a etnografia virtual investiga “os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais” (p. 35).

Assim, buscamos, com os sujeitos, conhecer fatos cotidianos nas redes sociais do Facebook, nos deixando afetar pela relação construída no campo a partir das conversas *online*, tanto individuais quanto coletivas, com usuários desse *software* social. Também realizamos registros escritos mediante intensas observações e intervenções realizadas no ciberespaço. Para Rocha e Montardo (2005), “Em termos de ciberespaço, pode-se dizer que o mecanismo de mediação se dá por meio da interatividade do usuário frente a interfaces gráficas” (p. 8). A

etnografia virtual me mostrou que é possível conviver com os sujeitos num novo lócus de pesquisa – o ciberespaço –, ainda pouco explorado pelo campo educacional.

2. Tecendo saberes na interface Facebook

Ao se conectar no campo empírico – o *software* social Facebook –, o nosso papel enquanto usuários que pesquisam com outros usuários também foi o de buscar questionar, compreender o cotidiano *com* os sujeitos na própria rede social da Internet, levantando questionamentos no ciberespaço dentro de uma imersão que se fez partindo dos pressupostos metodológicos da etnografia virtual e dos estudos no/do/com os cotidianos, conforme já foram brevemente discutidos neste texto.

Diante disso, capturamos⁴ centenas de imagens do Facebook, que foram posteriormente traduzidas e interpretadas à luz do referencial teórico-metodológico adotado. Cada imagem capturada permitiu a criação de um amplo acervo imagético que registrou centenas de momentos de interação com/entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. E para realizarmos as análises das conversas *online* no presente artigo, optamos por fazer uso de siglas para nos referirmos aos sujeitos, preservando, desta forma, a identidade deles.

2.1 “Assistindo ‘Tubarões Monstruosos’ no History Chanel”: compartilhando saberes na Web

Concordamos sobre o que diz Santos (2010): “O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias” (p. 34), como o jornal, revista, rádio, cinema e televisão, segundo a autora. Por isso há de considerarmos sua possibilidade de agregar toda essa informação e o seu potencial para que sejam repensados os processos de ensino e aprendizagem que possam também abarcar a

⁴ A captura foi realizada por meio do “print Screen”, um comando existente nos computadores (*netbooks, laptops e desktops*) cujo acesso se dá através da tecla de mesmo nome, o qual grava, na forma de imagem, o que está sendo exibido na tela.

lógica do compartilhamento das ideias tecidas coletivamente, co-criando conhecimentos que não sejam lineares, mas que permitam uma reflexão, em comunhão com o professor, de que as tecnologias “sejam promotoras de um certo modo de ver as coisas, interpretando e recriando o mundo de muitas e diferentes maneiras” (Jobim e Souza, *online*). Os sujeitos podem recriar o mundo fazendo uso das diversas tecnologias e produzindo sentidos também nessas redes digitais. Assim, é possível hoje que as informações de um programa de televisão, de um jornal ou livro, por exemplo, continuem a ser discutidas pelos telespectadores/leitores/internautas na rede mundial de computadores, como é possível evidenciar em *softwares* sociais como o Facebook.

Graduada em Pedagogia numa universidade pública da cidade do Rio de Janeiro, a jovem professora **DF**, de 28 anos, comenta sobre o que assiste no *History Chanel*⁵, possibilitando que outros usuários interessados no assunto também compartilhem de suas impressões iniciais, adicionando novas impressões e comentários:

DF: *[Estou] Assistindo “Tubarões Monstruosos” no History Chanel. Tubarões brancos que podem chegar a 7m de comprimento e mais d 2 toneladas são assustadores. Você sabia q por conta do filme “Tubarões” os tubarões brancos quase foram dizimados?*

ASQ: *Um absurdo isso de matar os tubarões. Eles são essenciais para o equilíbrio do planeta!*

Esse monte de ignorantes que os mata por suas barbatanas e os joga de volta no mar para agonizaram até a morte.

Aff... #odeioquemmaltrataqualqueranimal

DF: *Sim, por conta disso a população d focas triplicou e agora eles têm uma grande quantidade d alimentos e crescem mais e mais rápido, mas as focas ficam perto da praia, logo as pessoas estão sendo atacadas tb*

ASQ: *Justamente!*

Nenhum ecossistema é respeitado.

Estranho ainda estarmos aqui! Durando tanto...

Pesquisador: *nossa, tem um monte de documentários bacanas que mostram justamente a interrelacao de todos os seres vivos na terra... ninguém passa ileso por um processo de desmatamento ou de extinção de algum animal...*

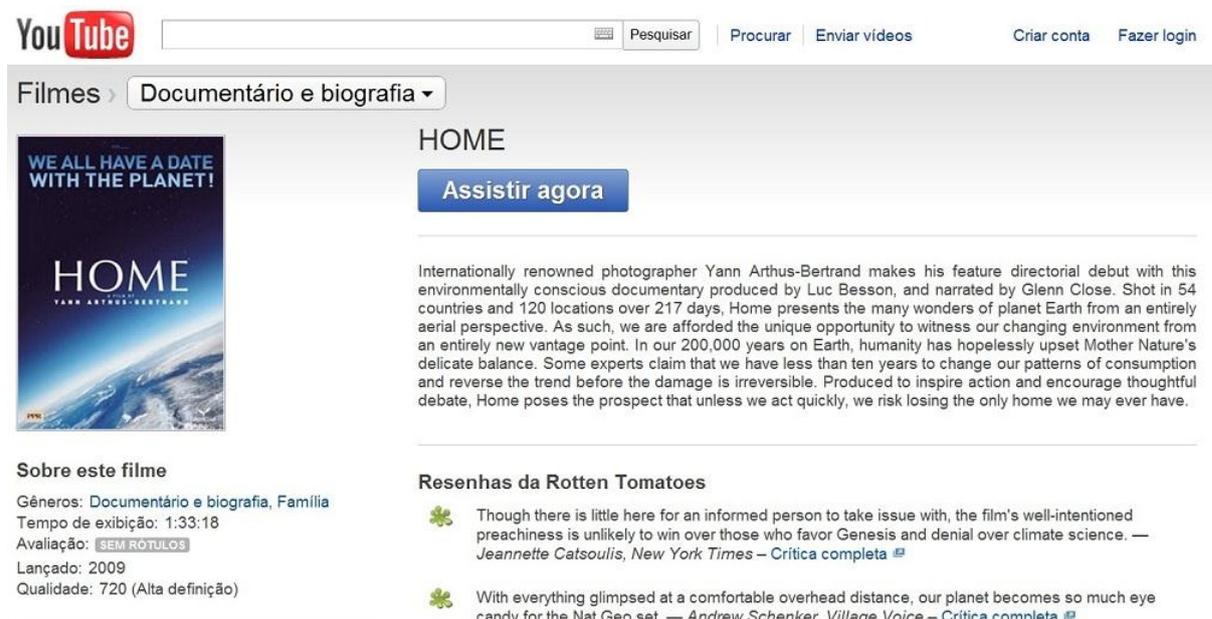
Pesquisador: *deem uma olhada, é ótimo:*

Pesquisador: http://www.youtube.com/movie?v=jqxENMKaeCU&feature=mv_sr

Ao percebermos que “Na Web, cada elemento de informação contém ponteiros, ou links, que podem ser seguidos para acessar outros documentos sobre assuntos relacionados” (Lévy, 1999, p. 106), mostra a potencialidade do ciberespaço em permitir aos seus usuários o compartilhamento de uma grande quantidade de informações. Capturar um dado informativo da televisão, como o fato de que “*Tubarões brancos [...] podem chegar a 7m de comprimento e mais d 2 toneladas*” e, posteriormente, compartilhá-la na *Web*, é hoje uma das formas de

⁵ O endereço do site é: <http://www.history.com/>

estar interagindo e produzindo saberes com outros internautas. É grande o fluxo de informações que são produzidas nas redes, e um comentário inicial desencadeia outros igualmente importantes que apontam justamente para o caráter participativo e colaborativo do ciberespaço, com arquivos e *links* que podem ser compartilhados e acessados por internautas de diferentes cantos do globo. Isso aponta para o que afirma Santaella (2002) sobre a telecomunicação e a informática, que conecta “potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço” (p. 52).



The screenshot shows the YouTube interface for the movie 'HOME'. At the top, there is the YouTube logo, a search bar with the text 'Pesquisar', and links for 'Procurar', 'Enviar vídeos', 'Criar conta', and 'Fazer login'. Below the search bar, there are navigation tabs for 'Filmes' and 'Documentário e biografia'. The main content area features a large video player thumbnail for 'HOME' with the text 'WE ALL HAVE A DATE WITH THE PLANET!' and 'HOME YANN ARTHUS-BERTRAND'. To the right of the thumbnail is a blue button labeled 'Assistir agora'. Below the button is a paragraph of text describing the film: 'Internationally renowned photographer Yann Arthus-Bertrand makes his feature directorial debut with this environmentally conscious documentary produced by Luc Besson, and narrated by Glenn Close. Shot in 54 countries and 120 locations over 217 days, Home presents the many wonders of planet Earth from an entirely aerial perspective. As such, we are afforded the unique opportunity to witness our changing environment from an entirely new vantage point. In our 200,000 years on Earth, humanity has hopelessly upset Mother Nature's delicate balance. Some experts claim that we have less than ten years to change our patterns of consumption and reverse the trend before the damage is irreversible. Produced to inspire action and encourage thoughtful debate, Home poses the prospect that unless we act quickly, we risk losing the only home we may ever have.'

Below the description, there is a section titled 'Resenhas da Rotten Tomatoes' with two reviews. The first review is by Jeannette Catsoulis from the New York Times, and the second is by Andrew Schenker from Village Voice. Both reviews are marked as 'Crítica completa'.

On the left side of the page, there is a section titled 'Sobre este filme' with the following information: 'Gêneros: Documentário e biografia, Família', 'Tempo de exibição: 1:33:18', 'Avaliação: SEM RÓTULOS', 'Lançado: 2009', and 'Qualidade: 720 (Alta definição)'.

Fig. 1 – www.youtube.com

Ao serem convidados para assistirem ao documentário *Home*, disponível no *site* do YouTube – “*deem uma olhada, é ótimo: [9](http://www.youtube.com/movie[...]”</i> –, os jovens agora poderão continuar o debate sobre os tubarões a partir de novas informações que se encontram também nas imagens em movimento e no conteúdo narrativo do filme sugerido. Foi possível evidenciar na conversa do Facebook que os programas televisivos auxiliam esses telespectadores a entender que por conta da morte dos tubarões, “<i>a população d focas triplicou e agora eles têm uma grande quantidade d alimentos e crescem mais e mais rápido</i>”, pois esses seres vivos “<i>são essenciais para o equilíbrio do planeta!</i>”.</p>
</div>
<div data-bbox=)*

Somando-se a isso, além de telespectadores, esses sujeitos também fazem uso da Internet, e têm à sua disposição, enquanto internautas, o acesso ao ciberespaço, que torna possível a modificação de toda e qualquer informação num “espaço informacional, um ambiente de signos híbridos no qual imagens, gráficos, desenhos, figuras, palavras, textos, sons e mesmo vídeos misturam-se” (Santaella, 2004, p. 144). Frente a isso, os sujeitos são capazes de compartilhar e de modificar antigas informações, de forma a produzir coletivamente novas informações a partir de interfaces que permitem a conversa mediada pelo computador, propiciando a produção coletiva e interativa dos saberes na Internet. A discussão *online*, iniciada por *DF* no Facebook a partir de um documentário do canal *History Chanel*, volta agora para a Internet na forma de textos e também de um documentário digitalizado que está no *YouTube*. É um movimento constante de troca entre os usuários, potencializado ainda mais pelas possibilidades interativas da rede mundial de computadores.

Santos (2010), ao mostrar que “o conhecimento não pode ser transmitido, deve ser construído no processo” (p. 46), traz outras possibilidades para pensarmos sobre a forma como os sujeitos se relacionam com as informações nas redes digitais. Alves (2002) entende que o conhecimento pode ser “construído” sob a lógica da rede, rompendo com a “maneira ordenada, linear e hierarquizada, por um único e obrigatório caminho” (p. 115). O termo “tessitura do conhecimento” nos auxilia a compreender que a transmissão unidirecional dos saberes não comporta as múltiplas possibilidades de articulação das ideias, questões, problemas e hipóteses que são levantadas diariamente pelos milhões de jovens e seus professores que habitam os diversos *softwares* sociais da Internet.

Para Santos (2010), “Acreditamos que aprendemos mais e melhor quando temos a provocação do ‘outro’ com sua inteligência, sua experiência. Sabemos que temos interfaces que garantirão a nossa comunicação com nossa fala livre e plural” (p. 47). É com este “outro” que o ciberespaço adquire sentido, se constituindo como um espaço propício para que seus usuários tenham todo e qualquer tipo de conhecimento, num processo que poderia ser interessante para que professores e pesquisadores conheçam a relação estabelecida entre jovens professores e os conhecimentos que circulam na *Web*, na tentativa de promover ações que favoreçam repensar os usos destas redes digitais na prática pedagógica.

2.2 “Acho que o problema não é quantidade de redes, mas a forma como as pessoas se apropriam dela!”

Em seus estudos, Lévy (1999) mostra que é possível que grupos humanos se constituam em coletivos inteligentes a partir do *espaço do saber*, que é resultante da velocidade de evolução dos saberes, o qual que se reporta às consequências da evolução da ciência e das técnicas na vida cotidiana, no trabalho, onde as pessoas são convocadas a aprender e construir novos conhecimentos em rede. Para o autor,

Aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real... esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber (LÉVY, 1999, p. 177).

Encontramos nas informações de base digital potencializadas pelas tecnologias a possibilidade de ampliar e modificar diversas funções cognitivas humanas. Percebemos nessas, os suportes que a humanidade passará a se valer para aprender, para gerar informação, para interpretar a realidade e transformá-la. De acordo com Silva (2004, p. 56), a codificação digital contempla o caráter plástico, fluido, hipertextual, interativo e tratável em tempo real do conteúdo da mensagem. Ainda segundo o autor, a transição do analógico para o digital permite a criação e estruturação de elementos de informação: as simulações, as formatações evolutivas nos ambientes *online* de informação e comunicação que permite criar, gerir e organizar.

O ciberespaço, que “já fez da cultura um lugar de produção de conteúdo, de *conexão livre entre pessoas e grupos* e de reconfiguração da vida social, política e cultural” (Lemos, 2010, p. 29, grifos nossos), permite que múltiplas e variadas vozes interajam coletivamente na rede. Esta, pela sua estrutura, não apresenta um único centro estático, mas muitos nós que se formam e se transformam constantemente diante do fluxo da informação que são criados pelos internautas ao redor do globo. Internautas como a jovem **GS**, que compartilha informações de um *site* de notícias na interface interativa do Facebook, revela justamente os diferentes usos que a tessitura do conhecimento nas redes digitais permitem:

GS: *[compartilha a reportagem] “Estudante de Comunicação da UFRJ cria rede social para alunos trocarem informações de matérias e professores”⁶.*

RC: *TOMARA QUE NUM DÊ CERTO! Já temos redes demais*

Pesquisador: *Acho que o problema não é na quantidade de redes, mas a forma como as pessoas se apropriam delas... gostei da reportagem, GS! Bjo*

RC: *Engraçado é que todos os caras nunca têm a pretensão de nada, né... Se tu perguntar pra ele se ele quer ficar rico, ele vai até dizer que não, rç*

GS: *o mark zuckerberg (criador do facebook), aparentemente não quer mesmo ficar rico... vou acreditar até onde der hauaua*

Ao analisarmos a reportagem compartilhada no Facebook pela jovem, trazemos à tona para o debate a própria ideia das apropriações feitas pelos internautas nas redes digitais. Essa discussão fica ainda mais evidente quando se toma como objeto a Internet, uma vez que ela pode ser considerada um espaço com características de multiplicidade e de heterogeneidade, possibilitando a coexistência de ambientes informacionais jornalísticos, educacionais, de entretenimento, entre outros. Assim também, pode-se perceber que a Internet como plataforma e rede híbrida mostra-se como um espaço onde os praticantes se relacionam, discutem e refletem sobre os mais variados assuntos que, a todo instante, se renovam.

Pelo fato das redes se expandirem gradualmente no ciberespaço devido à intensa participação de seus usuários, aponta para a capacidade da Internet em modificar-se, segundo afirma Lévy (1999): “Ela incha, se move e se transforma permanentemente” (p. 160). E como ela se transforma e vêm se transformando, principalmente a partir do início do século XXI, com a popularização dos computadores pessoais e das mídias digitais móveis, releva a intensa contribuição e participação dos milhões de internautas espalhados pelo globo na produção e circulação de informações nas redes sociais digitais. Embora muitos, como **RC**, esperam que a rede social criada pelo estudante de Comunicação da UFRJ “*NUM DÊ CERTO! Já temos redes demais*”, acreditamos justamente no contrário: são essas inúmeras redes criadas que potencializam e contribuem para a intensificação do diálogo *online*. Na perspectiva de Lévy (1999),

A World Wide Web é um fluxo. Suas inúmeras fontes, suas turbulências, sua irresistível ascensão oferecem uma surpreendente imagem da inundação de informação contemporânea. Cada reserva de memória, cada grupo, cada indivíduo, cada objeto pode tornar-se emissor e contribuir para a enchente (p. 160).

⁶ Reportagem disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2011/04/13/estudante-de-comunicacao-da-ufrj-cria-rede-social-para-alunos-trocaram-informacoes-de-materias-professores-924228619.asp>>. Acesso em: 30 jun 2011.

3. Conclusão

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais, cria uma nova relação entre a técnica e a vida social. A criação, colaboração e compartilhamento de diversos *softwares* sociais, *softwares* livres, mensagens de texto, fotos e vídeos de celulares, etc., cumprem bem a função de conexão e criam vínculos sociais através das tecnologias digitais. Isso revela o que apontam Rocha e Montardo (2005, p. 12), ao mostrarem que “O sucesso de sites de relacionamento, Orkut e derivados, são provas desta potencialização de sentimentos. Porque também se constitui em uma possibilidade de comunhão, de agregação virtual” (p. 12). Emissão e conexão se complementam, pois sempre que o pólo de emissão é liberado e há conexão, existirão mudanças, movimentos, criação e colaboração, ou seja, inteligência coletiva.

O fato de que o conteúdo digital estará sempre passível de sofrer críticas pelos consumidores nos processos comunicacionais pós-massivos revela o potencial crescente da conversa mediada pelo computador nas redes sociais da Internet. Não há dúvida de que a etnografia virtual e os estudos no/do/com os cotidianos poderiam auxiliar pesquisadores de diferentes campos do saber na tarefa de dar visibilidade sobre como os jovens vêm tecendo saberes no ciberespaço. Todavia, vale salientar que, segundo coloca Alves (2001, p. 14), “Em relação ao método, tenho que começar por admitir que estou sempre cheia de dúvidas e sobre ele tenho muito que aprender. Mas, como sempre digo aos meus orientandos: ‘É preciso fazer, para saber’”.

Além disso, seria preciso também entender qual o papel da educação em meio às novas práticas contemporâneas que hoje também ocorrem no ciberespaço e que altera a relação dos jovens com o conhecimento e a informação. Neste sentido, como a educação poderia se apropriar do fenômeno da cibercultura e construir, *com* a juventude, novas estratégias em sala de aula para abarcar também as manifestações culturais que ocorrem a partir das informações que circulam livremente nas redes sociais da Internet?

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, Nilda (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 13-37.

_____. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. *Revista FAMECOS*, n. 20, 2008, p. 34-40.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A Etnografia Virtual na Pesquisa de Abordagem Dialética em Redes Sociais On-line. Trabalho apresentado na 32ª Anped, 2009, Caxambu. *Anais da 32ª ANPED*. Timbaúba: Espaço Livre, 2009, p. 1-16. (Publicado em CD-ROM).

JOBIM E SOUZA, Solange. *O olho e a câmera*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/epc/epctxt3.htm>>. Acesso em: 20 ago 2009.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. Prefácio à edição brasileira. A mutação inacabada da espera pública. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 9-20.

MORIN, Edgar. Por Uma Reforma do Pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo (Org.); ALMEIDA, Elimar Pinheiro de (Org.). *O Pensar Complexo*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 21-34.

OLIVEIRA, I. B. O Campo de Estudos do Cotidiano e sua Contribuição Para a Pesquisa em Educação. In: SCHWARTZ, Cleonara Maria... [et al.] (Orgs.). *Desafios da Educação Básica e Pesquisa em Educação*. Vitória: EDUFES, 2007, p. 107-127.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação* (e-compós), dez. 2005, p. 1-22.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 44-56.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Educação *online* para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco (Org.); PESCE, Lucila (Org.); ZUIN, Antonio (Org.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010, p. 29-48.

SGARBI, Paulo. Imagens e outras mídias nas reflexões de ensinoaprendizagens cotidianas de professores na tarefa de formação dos leitores em si mesmos. *Palestra proferida no Encontro Nacional de Mídia e Formação de Leitores*. Set. 2010, 17p.

SILVA, Marco. Indicadores de interatividade para o professor presencial e on-line. *Diálogo Educacional: Revista do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná*. Curitiba, v. 4, n. 12, p.53-109, 2004.